

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0024741



CÂMARA DOS DEPUTADOS

ARY DE LIMA
Deputado Federal

DIA DA ÁRVORE
Panorama Florestal Brasileiro

Discurso proferido na sessão
de 21 de setembro de 1972

F 328.32
L732d

AMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília — 1973



CÂMARA DOS DEPUTADOS

ARY DE LIMA
Deputado Federal

DIA DA ÁRVORE
Panorama Florestal Brasileiro

Discurso proferido na sessão
de 21 de setembro de 1972

1300249/41

F
328.82
L732d

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília — 1973

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
F21	414/75

O SR. ARY DE LIMA:

Sr. Presidente, Srs. Deputados, temos certeza de que, na manhã deste mesmo dia, nos mais diversos estabelecimentos de ensino de nossa Pátria, e até mesmo em solenidades de praça pública, enfeitadas de discursos empolgantes e eloqüentes, a figura da árvore já foi recordada, engrandecida e reverenciada.

Poesias as mais formosas devem ter sido declamadas, revivendo o papel santo e extraordinário que a árvore desempenha no mundo em que vivemos, responsável pelo verde das paisagens, pelas floradas inebriantes, pela sombra amiga e generosa, pela multiplicidade de benefícios oferecidos graciosamente à criatura humana e até mesmo pelo bem-estar e vida que todos usufruímos na superfície da Terra.

Já se deve ter lembrado a sua ausência na sufocante melancolia dos desertos, onde a miséria passeia de braços dados com o sofrimento e a desolação, e onde o céu ardente não exhibe sequer o vôo apressado de aves cortando o imensurável das alturas.

Já se deve ter lembrado a sua ausência nas regiões calcinadas, onde a vegetação paupérrima e restejante exhibe constantemente uma feição de dor, e de onde a criatura foge, espavorida e aflita, em busca de esperanças novas e alentadoras.

Já se deve ter lembrado a sua ausência nas regiões torradas de sol, onde os ribeiros se transformam em olhos d'água e os rios se transmudam em compridos lençóis brancos de areia.

Já se deve ter lembrado a sua ausência nas imensas regiões fendidas pela erosão, com a terra dilacerada, aberta em buracões, sepultando o progresso e emparedando a marcha da civilização.

Já se deve ter lembrança a sua ausência na rememoração fulgurante do poema "O Jardineiro", de Catulo Cearense, na comvente estória do Jardineiro Timóteo, de Monteiro Lobato, e até mesmo, quem sabe? — na lembrança bíblica dos lírios do campo, "que não crescem e nem fiam, e nem Salomão com toda a sua riqueza se veste como um deles".

Se assim afirmamos, Sr. Presidente, é porque a data consagrada à árvore costuma cercar-se de comemorações as mais solenes e festivas, cantando-se-lhe a beleza, o porte gigantesco das florestas virgens, as floradas multicoloridas com que se vestem, a altura imponente com que se mostram, e, numa retórica, que se repete anos a fio, até o papel que vislumbra da primeira chama que aquece o lar até a cruz de Cristo diante de cujo símbolo todos se ajoelham, respeitosa e religiosamente.

Como faria bem às vidas de todos nós se no dia consagrado à árvore pudéssemos, como em outros tempos, não muito distanciados ainda, dar-lhe o merecido louvor, e cantar-lhe hinos de agradecimento repassados de ternura e de carinho, sem a mácula de terríveis pressentimentos, sem tormentos de inquietação, sem psadelos de remorsos pelos crimes que temos cometido num indissolúvel desprezo à sua própria sobrevivência!

Como seria agradável a todos nós se pudéssemos nos apresentar aos antepassados que nos advertiram, alertando-nos para a gravidade de um problema que não soubemos enfrentar com galhardia e coragem, permitindo, com indiferença delituosa, que extensas reservas florestais de nosso País viessem a reduzir-se a esqueletos calcinados, a montes de coivaras, a montanhas de cinza, a convites para construção de desertos!

Como seria confortador a todos nós se pudéssemos, em efêmero como a que hoje comemoramos, afastar dos olhos a imagem triste de regiões antes alegres, onde a natureza era um poema de cores, de festas de música de passarinhos, e que hoje se entremostam a nossos filhos e à realidade brasileira como recantos atormentados pela solidão, estigmatizados pelas desesperanças e carentes de recursos e de assistência!

Como seria agradável se não lêssemos manchetes constantes nos maiores jornais de nossa terra, todas com tonalidades de desilusão e de desespero, em letras garrafais, trazendo temores diante da contemplação do futuro! *Desaparecem os Pinheirais do Paraná, Fim das Matas, Meio Milênio de Desmatamento, Ameaçado Patrimônio Florestal do Brasil, Selva Amazônica poderá acabar em 35 anos, Árvores raras desaparecem, Reflorestar é a solução, Agonizam as reservas do Pontal, Florestas do Rio transformam-se em carvão e clareiras desoladas, Desmatamento foi causa da seca, O verde está morrendo, Os Novos Desertos, Devastamento seca Três Marias, Devastação nos Pinheirais, Queima de Madeiras, Pernambuco perde as últimas reservas, Parque Nacional do Iguaçu ameaçado etc.*

Como seria bom se, despojados da leitura e visão dessas manchetes amedrontadoras, guardássemos, no dia de hoje, a consciência tranqüila do dever cumprido e do respeito à gigantesca ri-

queza florestal com que Deus vestiu o corpo moço de nossa jovem Pátria!

— *As grandes advertências*

Em data assim tão magnífica, a maior e melhor homenagem que se poderia prestar à árvore seria, sem dúvida, o desconhecimento da existência de afirmações para nós dolorosas e estarrecedoras de quantos têm sentido o grave problema que as nossas mãos consentiram se realizasse.

— É o Sr. Dr. Camilo Kleim, do próprio Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, a clamar para a nossa atualidade:

"O desmatamento da Serra da Bocaina ameaça o equilíbrio ecológico de toda a região, podendo causar, no futuro, graves prejuízos econômicos ao território fluminense, uma vez que o Rio Paraíba do Sul, principal curso d'água que corta o Estado, pode sofrer as conseqüências do desflorestamento".

— É o Prof. Warwick Kerr, Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, assegurando, em Curitiba, perante Congressistas na 23ª reunião anual da entidade:

"No Brasil, estamos assistindo à mais rápida destruição do meio ambiente, maior do que a feita por qualquer outro povo em qualquer época da história ou da pré-história. Essa destruição pode ser constatada no Paraná, em São Paulo, na Serra do Mar, em Mato Grosso, no Nordeste e na Amazônia, de dois anos para cá".

— É o agrônomo Dirceu Duarte Braga, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, anunciando grandes males, na contemplação angustiante do presente:

"Com a devastação florestal desordenada, o equilíbrio ecológico rompeu-se. O regime de chuvas parece ter-se alterado, aparecendo as precipitações torrenciais que aceleram o processo de erosão dos solos, dificultando a infiltração das águas que deveriam alimentar os lençóis subterrâneos. Sem receber quantidade suficiente de água durante a época das chuvas, os lençóis não têm condições de alimentar os cursos d'água durante a época da estiagem, provocando, assim, a alteração do regime dos rios".

— É o jornalista Rubens Santos, assegurando, com autoridade, diante dos números frios da estatística:

"O Brasil é um dos países do mundo que possuem maior área de florestas, mas, por paradoxal que pareça,

encontramo-nos quase em vésperas de importar madeira necessária ao nosso consumo.

No decorrer dos últimos anos, destruíram-se no Brasil setenta milhões de hectares de matas, não chegando o reflorestamento a repor a milésima parte desse patrimônio. Nos Estados do Sul, derrubaram-se nas últimas décadas cinco milhões de hectares de florestas, principalmente pinheirais.

«Não ficará nisso o resultado da destruição das reservas florestais. Sem o resguardo das matas o solo será erodido pelas águas das chuvas, que carrearão humus e abrirão sulcos cada vez mais amplos, transformando a terra fértil em areal estéril.

A derrubada indiscriminada de matas altera o regime de chuvas e a vazão de mananciais, pois a cobertura vegetal desempenha papel preponderante como retentora da unidade e como regularizadora da evaporação.

O Sr. Gabriel Hermes — Nobre colega, o tema que V. Exa. aborda, de derrubada de florestas, é da mais alta importância para o nosso País. Só agora o Brasil começa a aprender a amar suas árvores. Em todos os cantos desta Nação, vemos a marca, devastadora e triste, provocada pelo machado e pelo fogo que depois nos deixam apenas o deserto. O Paraná, terra dadivosa e rica, já sofre as conseqüências tremendas de derrubadas indiscriminadas. Na minha região, a Amazônia, temos um trágico exemplo disso, com a destruição de toda uma imensa área, a mais povoada — que vai de Belém, Capital do Pará, até onde chegava antigamente a velha Estrada de Ferro Braçança, como era chamada. Hoje resta apenas o deserto. Agora é necessário grande esforço humano para replantar e reconquistar ao deserto aquela região. O mesmo vem acontecendo no sul do Pará, na fronteira de Goiás, onde o Araguaia separa os Estados do Pará e Goiás, e em toda a extensão da Belém-Brasília. Apesar das promessas, apesar da boa vontade dos órgãos federais, temo que não sejam tomadas providências para evitar derrubadas, queimadas e futuros desertos neste País. As grandes árvores amazônicas, de alto valor, que levam dezenas de anos para atingir a idade adulta, são derrubadas e queimadas sem que se pense sequer no seu aproveitamento. Espero ocupar a tribuna para falar sobre este assunto. Congratulo-me com V. Exa., nobre colega, pelas palavras de advertência que leva à Nação.

O SR. ARY DE LIMA — Agradecemos ao brilhantíssimo colega Gabriel Hermes suas palavras, que se revestem de grande autoridade. Temos acompanhado as fulgurações do seu talento,

através das reportagens e das crônicas dos jornais, e sabemos que uma de suas maiores preocupações é realçar a grandeza das nossas reservas florestais.

O Sr. Antônio Bresolin — Desejo congratular-me com V. Exa. pelo oportuno e brilhante discurso que está proferindo. No Brasil, sempre que falarmos de conservação e recuperação de florestas, estaremos fazendo pouco, diante do crime cometido contra a natureza através dos tempos e que ainda hoje se pratica em quase todos os Estados da Federação. Em outros tempos, 60% do território do Rio Grande do Sul era constituído de florestas, enquanto que atualmente essa percentagem não chega a 6%. As duas maiores reservas florestais do Rio Grande do Sul estão localizadas precisamente na região que tenho a honra de representar. Uma delas se situa no Posto de Guarita, Posto dos Índios. Ali, dos 750 lotes rurais existentes, apenas trinta estão cobertos de florestas. Toda a madeira de lei foi derrubada e, pior do que isso, roubada por espertalhões, inclusive com a conivência do Serviço Nacional do Índio, como tive oportunidade de denunciar reiteradas vezes, quando ainda jornalista no Rio Grande do Sul. A reserva do Estado, com aquela derrubada do Município de Tenente Portela, também de mais de 600 lotes rurais, praticamente já não dispõe de madeira de lei. O interessante é que, enquanto se verifica isso nas nossas fronteiras, na divisa do rio Uruguai, no lugar chamado Sete Quedas do Macaco Branco, do outro lado, na Argentina, há mata virgem. Apesar de tudo que se possa dizer contra os governos que têm passado sucessivamente por aquele país, eles cuidaram com maior carinho da conservação de suas florestas, não permitindo que elementos estranhos aos interesses nacionais devastassem as florestas para extrair madeira de lei. Atualmente, no Rio Grande do Sul, graças à iniciativa particular, apesar dos embaraços criados pelo IBDF, órgão que muito mais dificulta o reflorestamento do que contribui para sua realização, tem-se feito o replantio de árvores em grande escala. É indispensável que o mesmo ocorra em todo o Brasil. Hoje, pela manhã, o Governador Prates da Silveira, em exposição perante a Comissão de Agricultura e Política Rural, órgão que tenho a honra de presidir, referia-se ao fogo que investe contra as nossas florestas, principalmente no Distrito Federal e em toda a Região Central do Brasil, nesta época do ano. É indispensável que o Governo se reorganize e aja com coragem para a superação de todos esses males. Sem isso, ninguém salvará o Brasil do devastamento de suas matas. O discurso de V. Exa. é altamente patriótico e representa uma das contribuições mais sinceras que se pode dar ao próprio Governo para o equacionamento de um dos problemas cruciais de nossa Pátria.

O SR. ARY DE LIMA — Incorporamos as palavras de V. Exa., como as do nobre Deputado Gabriel Hermes, com muita honra, ao nosso modesto pronunciamento. E' V. Exa., uma das mais destacadas vozes nesta Casa para falar sobre o Rio Grande do Sul. Modesto estudioso do assunto do desflorestamento de nossas reservas, sabemos que a paisagem do seu Estado, tão querida ao coração de V. Exa., se está transformando com a devastação das matas nativas. Prossigo, em minha considerações.

— *Depoimento real*

Sr. Presidente, o jornal "O Globo", na reportagem intitulada "O Homem na Conjuntura Florestal Brasileira", retrata um quadro de duro realismo, refletindo o que pagamos e quanto pagaremos ainda pelo desrespeito às nossas reservas florestais.

E' bom que se conheça, no dia em que reverenciamos a árvore com tantas festividades, as duras afirmações publicadas há pouco mais de um ano.

Ei-las:

— *"Há 471 anos, Pedro Alvares Cabral lançava âncoras em Porto Seguro, e recebia o título de primeiro desflorestador do Brasil, em cerimônia de reabastecimento de água e lenha de suas caravelas.*

Pero Vaz de Caminha transcreveu para os anais da história o assombro dos portugueses em face da prodigalidade da natureza que ante seus olhos jorrava. Mas a pujança e exuberância de nossas matas, que surpreenderam os descobridores, não as eximiram do grande sacrifício. Desde a época em que os marcos da coroa portuguesa foram cravados em terras brasileiras, 20% de nossas florestas foram abatidas.

Depois de um primeiro ciclo extrativista do pau-brasil, outros se sucederam como o da cana-de-açúcar e do café, e, depois deles, a terra desgastada e calcinada pelo sol.

Hoje o Nordeste paga o tributo de gerações que, no ciclo da cana-de-açúcar, espoliavam as riquezas vegetais na região, para plantio ou para obtenção de lenha para as usinas.

Atualmente, mais de trinta mil quilômetros quadrados de florestas são abatidas por ano no País, o que representa um corte de mais de trezentos milhões de árvores. Se fosse possível juntar todas as partes destruídas, estaríamos diante de um deserto de aproximadamente

um milhão, seiscentos e cinqüenta mil quilômetros quadrados.

Isto significa que os oito milhões, quinhentos e onze mil, novecentos e sessenta e cinco quilômetros quadrados de nosso território estão salpicados de áreas menores, agentes de destruição e morte. São regiões sem vegetação, sem água, sem vida."

O Sr. Alcir Pimenta — Nobre Deputado Ary de Lima, V. Exa. sempre que assoma à tribuna desta Casa o faz com proficiência e altivez, analisando questões da maior importância para a vida nacional. Hoje, especialmente, trata V. Exa. do problema do reflorestamento e do desmatamento em nosso País com uma profundidade admirável, focalizando a questão sob ângulos novos, trazendo ao conhecimento da Casa alguns aspectos que, devemos confessar, ignorávamos, e que certamente hão de concorrer como sugestão valiosa para que o Governo, tomando em conta esta grande advertência, possa envidar esforços para que se evite no Brasil os continuados e crescentes processos de desmatamento que estão a ameaçar nossa própria sobrevivência nesta parte do Continente Sul-Americano. Estou certo, portanto, de que não apenas o Estado que V. Exa. representa nesta Casa com tamanha altivez, mas também a própria Pátria em geral há de lhe agradecer mais esta demonstração de acendrado amor ao torrão natal, mais esta demonstração de proficiente atividade parlamentar, porque V. Exa. aqui tem demonstrado ser não apenas homem que cuida do que particularmente lhe toca, mas que está sempre ao serviço das boas causas nacionais. Diria até, nobre companheiro, que V. Exa., que trata hoje do problema do desflorestamento no Brasil, pode ser considerado uma frondosa árvore sob cuja sombra vive o povo do seu Estado.

O SR. ARY DE LIMA — Agradeço a V. Exa., nobre Deputado Alcir Pimenta, o aparte. V. Exa. sempre traz à tribuna desta Casa os mais relevantes assuntos, mostrando-se também conhecedor da gravidade que enfrentamos com relação às nossas reservas florestais. Continuo.

— *Somos testemunha ocular*

Até agora, Sr. Presidente, nós nos limitamos a transcrições autorizadas que nos atemorizam e assustam. No entanto, somos testemunha ocular de quadros dolorosos da natureza, em vastas regiões do Paraná, Estado que representamos nesta Casa, e onde Municípios inteiros entregam-se a uma luta desigual contra efeitos desastrosos da erosão.

E não se pense que as regiões, a que nos referimos, tenham sido em sua origem pedaços pobres de terra desprovida de riquezas naturais. Não! Uma floresta imensa cobria a imensidão daquelas paragens, desde o Vale do Paranapanema até barrancas do Ivaí, do Piquiri e do majestoso rio Paraná.

Tudo era riqueza, imponência, esperança e confiança no futuro, até ao instante em que se deu início a um desmatamento desordenado e criminoso, em desrespeito às normas estabelecidas e disciplinadoras da colonização.

O homem, derrubando a floresta, plantava também, ao lado dos cafeeiros alinhados, e sem o saber, uma seara de futuros males, hoje presenciados em enormes extensões, já dominadas pela erosão, com profundas alterações no complexo bio-climático, com um regime pluviométrico diretamente afetado e já sentido pela população que sabe que o Norte do Paraná, ao lado do Sudoeste e do Noroeste, já experimenta transformações violentas.

A riquíssima região, das mais portentosas do Brasil, já se entrega, na atualidade, em muitas de suas áreas, a projetos de reflorestamento, pois apenas uma ou outra espécie vegetal, gigante da floresta, aparece isoladamente na paisagem desolada, como testemunha solitária e triste do antigo vigor da terra, agora enfraquecida, erodida, arrasada, retalhada de buracões que engolem até trechos de asfalto, nas rodovias.

Se na região por nós vivida, no Paraná, a derrubada de florestas causa apreensões, em outros Estados, à maneira do próprio Brasil, os problemas se sucedem.

O Prof. João Rodrigues de Mattos, botânico de nomeada, afirma que cinqüenta mil quilômetros quadrados de pinheiros já foram devastados pelo homem, somente no Paraná.

Apaixonado por essa planta, a que dedicou doze anos de estudos, o ilustre botânico adverte ainda:

"Existem muitas espécies de plantas superiores por este Brasil, que jamais serão estudadas, porque a destruição da flora caminha mais depressa. É preciso que as autoridades ouçam o nosso grito de socorro — Estão matando a flora brasileira!"

O Sr. Siqueira Campos — Deputado Ary de Lima, estou ouvindo o brilhante discurso de V. Exa. sobre matéria de grande relevância. Naturalmente, tratado o tema como V. Exa. o faz, é necessário que, acompanhando o seu pensamento, se tomem as medidas preconizadas em sua oração, para que as várias regiões em colonização do País não venham a sofrer como ocorre com o norte do Paraná. No entanto, asseguro que, com é do conheci-

mento de V. Exa., representante do norte-paranaense, especialmente de Maringá, o Governo tem tomado medidas efetivas para preservar a floresta amazônica, sem impedir o processo de colonização iniciado vigorosamente de 65 para cá. Apresentei, e se acha em tramitação nesta Casa, projeto de lei referente ao reflorestamento, matéria que reputo muito mais importante do que esta, de preservação das florestas naturais existentes. Por incrível que pareça, a obrigação legal, imposta pelo regulamento do IBDF, de substituir as essenciais locais, é de apenas 1%. Acho um erro, pois estamos a matar todas as condições ecológicas, simplesmente com esta Portaria. No meu projeto já estou prevendo que o mínimo que o reflorestador terá obrigação de substituir, de essenciais locais, será de 20%, no seu plano de reflorestamento das matas desaparecidas pela ação dos madeireiros. Louvo V. Exa. por este brilhante discurso e estou, também, fazendo todo o possível para que possamos contribuir para uma modificação das leis de reflorestamento do País, a fim de que melhor possam encaminhar-se as colonizações nas várias regiões do País, sem os danos causados no norte do Paraná.

O SR. ARY DE LIMA — Agradeço a V. Exa., cujas palavras enriquecem o meu discurso.

Prossigo, Sr. Presidente.

— *Até parques nacionais!*

Sr. Presidente, sob o título «Florestas Devastadas», o «Correio da Manhã» atraiu a atenção nacional e providências imediatas do Presidente Médici, diante da denúncia formulada pelos Senhores John Dalgas Frisch e Paulo Nogueira Neto, como Diretor-Executivo da Associação de Preservação da Vida Selvagem e Presidente da Associação de Defesa da Fauna e da Flora.

Eis, na íntegra, o teor do ofício, enviado ao Sr. Presidente Emílio Garrastazu Médici:

"O Parque Nacional de Iguazu foi criado pelo Decreto-lei nº 1.035, de 10 de janeiro de 1939, em área estratégica vizinha com o Paraguai e a Argentina, contando com 205.000 hectares.

"Possui as cachoeiras mais belas do mundo, ponto alto de atração aos turistas, com uma frequência de cerca de oitocentos a dois mil por dia. A ida até o Parque não é privilégio de meia dúzia de turistas estrangeiros, pois recebe a visita de gente de todas as camadas sociais. São perto de meio milhão de pessoas, anualmente, que procuram a região e cujo interesse não se resume apenas

em ver as cataratas, que são as mais belas do mundo, mas também em apreciar a lindíssima floresta subtropical ali existente. Contudo, grande parte do meio milhão de visitantes anuais sente angústia e desapontamento ao visitar este parque. É o desapontamento de ver que novas derrubadas e novas invasões se processam dentro do mais famoso monumento natural vivo da América do Sul.

A flora e a fauna do parque são de riqueza indiscutível. Suas florestas apresentam enorme valor de origem ecológica. É a última reserva de mata virgem daquela região Centro-Sul, da América do Sul. Contudo, apenas cerca de 3% do parque é acessível ao público, sendo 97% da sua área vedada aos visitantes.

"Há um destacamento de 50 soldados da Polícia Florestal do Estado do Paraná, equipados com jipes, rádios, etc., mas que aparentemente estão concentrados principalmente em 3% do parque. Pelo menos essa é a impressão que se tem, pois as derrubadas não cessaram.

"A criação do Parque Nacional de Iguazu foi feita simultaneamente com o Brasil e a Argentina, com o objetivo de preservar a natureza naquela belíssima região. A Argentina protegeu bem as suas florestas, mas infelizmente o mesmo não se pode dizer do Brasil. Permitiu-se a instalação, no Parque Nacional de Iguazu, de mais de duas centenas de fazendas clandestinas, hoje existentes dentro do Parque e já cadastradas pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Os processos de indenização e remoção desses posseiros, que ocupam terras pertencentes ao próprio Governo, se arrastam morosamente. Enquanto isso, novas devastações ocorrem.

Diante da desastrosa situação aqui exposta, solicitamos a V. Exa. dar especial atenção ao Parque Nacional de Iguazu a fim de que a Revolução de 64 salvasse as suas florestas, impedindo a sua destruição e removendo para outros lugares os posseiros, que poderiam ser assistidos nessa mudança pelos órgãos encarregados de promover a reforma agrária. É preciso, porém, agir com firmeza e com urgência, e para isso torna-se necessária a intervenção das altas autoridades federais, sob o comando de V. Exa.

Ao colocar V. Exa., Presidente General Emilio Garrastazu Médici, a par da calamitosa situação exis-

tente no Parque Nacional de Iguazu, expressamos o desapontamento de algumas centenas de milhares de brasileiros e de estrangeiros que visitam a região, desapontamento que se torna ainda maior e incompreensível ao verem que a Argentina cumpre com eficiência o ideal de preservação. É importante que os ideais da Revolução de 64 atinjam o Parque, fazendo-o atender aos seus verdadeiros e elevados objetivos culturais, científicos, patrióticos e turísticos.

A ação de V. Exa. fará com que os nossos patrióticos sintam satisfação ao visitarem o Parque e não desilusão e desapontamento como ocorre agora. Certos de contarmos com a preciosa atenção de V. Exa., agradecemos e confiamos poder salvar o que ainda resta de bela e grandiosa natureza do Brasil."

— Sete Quedas, de Guaira

Se trouxemos para este Plenário a ameaça que se descarrega sobre o Parque Nacional de Iguazu, quase em idênticas condições apresenta-se também o Parque Nacional das Sete Quedas, que muito está a exigir para poder maravilhar brasileiros e estrangeiros.

Nem uma rodovia possui que lhe dê acesso, turistas submetem-se a enfrentar horrores, em estradas dilaceradas pela erosão, para se aproximarem da cidade de Guaira. O asfalto, como que por ironia, vem sendo protelado, como se o turismo não se traduzisse, em nossos dias, em lucrativa indústria.

Lá também as florestas foram invadidas e muitas espécies já se extinguem. E por esse criminoso estrangulamento de florestas, o soberbo rio Paraná baixa a cada ano, afogando-se nos setenta e cinco milhões de metros cúbicos de areia que os terrenos desmatados deixam a erosão levar às suas águas.

— A grande preocupação

No transcurso do Dia da Árvore, é preciso que se entregue à meditação. Será esse o melhor presente que se poderá oferecer a nossa Pátria, vitimada no presente pelos desmandos e arbitrariedades do passado, praticados contra o patrimônio de nossas reservas florestais.

Já desaparecem da paisagem brasileira os gigantes de nossa flora. A cada dia mais raras se tornam espécies vegetais e se medidas mais agressivas não forem postas em prática, poderemos

dizer, sem pessimismo, um adeus de despedida às araucárias e ao bálsamo, aos cedros e às perobeiras, às caviunas e aos jequitibás, à embuia e ao jacarandá, ao mogno e ao pau-marfim, aos ipês e às canelas.

E com eles, com as florestas dizimadas, um adeus também de despedida às nossas aves e aos representantes de nossa fauna, das mais belas de todo o mundo, e já motivo de apreensão por parte do Sr. Oscar Fontana, Presidente da Associação da Preservação da Vida Selvagem, que afirma:

"Se a devastação prosseguir, logo estarão dizimadas as 2.000 espécies de aves da Serra do Mar — quantidade superior ao total das espécies somadas da Europa, dos Estados Unidos da América do Norte e da África."

E contemplaremos tão-somente as florestas artificiais, que, substituindo em parte as reservas da natureza, não poderão nunca encerrar o encanto nativo das matas virgens, que as mãos de Deus deixaram na terra para sobrevivência do homem, «feito à Sua imagem e semelhança.»

«As florestas artificiais são fechadas e a sombra que que produzem não propiciam o surgimento de microorganismos que alimentarão insetos, aves, répteis e mamíferos.»

Novos rumos

Não quisemos ouvir advertências passadas sobre ameaças a nossas matas nativas.

E' verdade que nos demoramos, e muito, a viver o drama de destruição de nossas reservas florestais, a ponto de marcharmos, agora, como medida saneadora, para uma política apressada de reflorestamento.

E para tal, os incentivos fiscais têm sido a grande mola propulsora de nosso desenvolvimento florestal, dando assim, sensível impulso a um dos mais desamparados setores da economia nacional.

A Criação do Código Florestal, em 1965; a sanção da Lei nº 5.106, para estímulos fiscais para reflorestamento, em 1966, e a criação do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal vieram dar contribuição, «ainda que os esforços governamentais ara incentivo ao reflorestamento não tenham encontrado, na comunidade urbana e agrária, a ressonância merecida».

«Embora existam uma Lei de Estímulos Fiscais e um Código Florestal, os resultados ainda estão longe de atender a gravidade do problema.»

Ainda que de existência recente para enfrentar a antigüidade do problema de destruição de nossas florestas, o órgão responsável não dispõe de engenheiros florestais em número suficiente para fiscalizar e orientar, em vez de policiar. Os poucos técnicos que possui, verdadeiros abnegados não se amparam por remuneração à altura, com vencimentos de engenheiros florestais à base de Cr\$ 1.500,00 a Cr\$ 1.800,00 mensais.

Como conseqüência desastrosa — e oferecemos como exemplo o Paraná — a fiscalização é de esquema falho, deficiente, dando margem a firmas Reflorestadoras fantasmas, que apresentam projetos de reflorestamento até para plantio de oito milhões de árvores, mas que na realidade não efetivam esse plantio, e quando o fazem, reflorestam com baixo nível técnico, sem fiscalização e até em terrenos impróprios.

Afirmam que há sensível desinteresse, originário da complicada legislação, com inúmeras exigências para aprovação de projetos, enquanto os órgãos governamentais alegam que tais exigências decorrem de burlas registradas anos atrás, pois não se sabe quantos dos hectares aprovados foram realmente plantados.

Numa Pátria como a nossa, que se agiganta sob todos os aspectos o reflorestamento necessita acompanhar os níveis de desenvolvimento de outros setores da economia nacional.

Somos até de opinião que para melhor aprimoramento de suas finalidades e mesmo para efetiva fiscalização, deveria o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal incrementar mais ainda as atividades da silvicultura no Brasil-Central, onde verdadeiros abusos são praticados principalmente para com a valiosa espécie vegetal, o mogno, já denominado de "grande esquecido", e colocado entre as mais disputadas madeiras no mercado internacional.

Tão destacada é a presença dessa árvore, que marcha, paulatinamente, para caminhos de extinção, que o metro cúbico, nos portos de Santos e Belém, tempos atrás, atingiu o elevado preço de cento e cinquenta dólares.

E a maior ironia, Sr. Presidente, é que vendemos essa preciosidade em toras, que, industrializadas no exterior oferecem lâminas de cem a duzentas micras, ou seja 7.500 a 15.000 lâminas por metro cúbico, a um custo de dois dólares por lâmina, dando uma receita de 33.000 dólares, e comprado, no Brasil, pela irrisória quantia de cento e cinquenta dólares!

E maior contraste ainda é que, segundo nos afirmaram, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal dificulta a aceitação de projetos para plantio do mogno, sob a alegação de que a espécie é atacada por uma praga, a Hipsila Grandela, enquanto o Instituto Florestal Latino Americano, sediado em Mérida, na Venezuela, desenvolve intensa pesquisa para controle químico da doença, alcançando excelentes resultados.

Se exemplicamos a nossa argumentação com essa valiosa espécie, ao lado de tantas outras que vicejam em Goiás, sul do Pará, sudoeste do Maranhão e norte do Mato Grosso, é tão-somente par despertarmos maior poder fiscalizador daquele órgão, que consente enormes áreas de reflorestamento nos Estados do sul, onde apresenta o maior número de projetos aprovados, quando devia também, respeitadas as condições ecológicas, incentivar criação de novas florestas artificiais, inclusive com aproveitamento do cerrado da imensa região que nos cerca, em Brasília, e cujas terras, servidas por boas rodovias, se reflorestadas, amenizariam o clima, elevariam a umidade relativa do ar, regularizando as precipitações atmosféricas.

— *Caminhos certos, agora*

No dia consagrado à árvore, quisemos homenageá-la sob este aspecto, herdeiros que todos somos dos benefícios que ela nos dispensa.

E revivendo erros do passado e percebendo intenções de acerto para o futuro, terminamos nossa modesta oração com a segurança íntima de que o panorama florestal brasileiro caminha por veredas novas, agora de redenção e de esperanças.

Evidentemente, *“não alcançamos, ainda, o ponto ótimo desejável, mas as perspectivas são das mais promissoras.”*

Que os esforços e providências de nossas autoridades sejam compreendidos e louvados, é quanto almejamos para felicidade e sobrevivência de gerações que virão contemplar o nosso futuro.

Que se aposente o machado nas mãos de homens insensíveis, construtores de desertos.

Que se apague o fogo primitivo das queimadas e se extingam as coivaras.

Que o verde possa, de novo, colorir o vazio das derrubadas criminosas, e corrigir os rigores do clima, e afastar o fantasma da poluição, e proteger as nascentes e os olhos d'água que dão de beber aos nossos rios.

Que a erosão cesse o trabalho de destruir e de matar, resuscitando dias melhores em amanheceres de paz e de confiança.

Que o verde seja perenizado em nossos parques, sorrindo aos nossos olhos, realçando mais ainda a paisagem soberba e monumental que Deus espalhou em nossa terra, é tudo quanto almejamos hoje, em sinal de respeito e reverência à árvore.

Era o que tínhamos a dizer, Sr. Presidente. *(Muito bem. Muito bem. Palmas. O orador é cumprimentado.)*